

## UMA INCURSÃO FOTOGRÁFICA EM RIO GRANDE A PARTIR DO FENÔMENO DAS RUÍNAS

Beatriz Rodrigues Ferreira

As ruínas, materialidades em decomposição, seriam encaradas como elementos reveladores de uma cidade que se faz negar, sendo indícios de vivências e memórias que se impregnam nos lugares. Através delas, pode-se perceber um embate subjetivo: a luta entre o que a sociedade estipula como patrimônio e aquilo que não deve ser preservado, assim, digno de esquecimento e negação. No jogo de lembrar e esquecer, do qual se constrói a memória tanto social quanto individual, é necessário entender quais são as variáveis, mobilizadas pela sociedade riograndina atual, na consideração do que é ou não patrimônio, logo, do que deve ou não ser preservado.

Encarando as casas para além do seu fenômeno geométrico, pode-se considerá-las como espaços de memória, dispositivos de afetos. Na medida em que compreende-se o material para além de seu elemento estanque, tem-se como um referencial sócio-cultural, e, também, subjetivo. Por isto a proposta é conjugar estas duas reflexões: a arquitetura como referência histórica material e subjetiva, e as ruínas como esfacelamento desta possibilidade de diálogo presente – passado. Neste sentido, procura-se compreendê-la como referencial de memórias que são sepultadas, mas que, não por isso, deixam de existir.

Ainda que as ruínas sejam símbolos de esquecimento, seus resquícios podem ser percebidos como vestígios de memória que querem-se fazer dizer. A polifonia urbana materializada nas imagens – tanto nos signos que ela captura e nos que ela produz – é vista como uma possibilidade interessante para se estimular o exercício de atentar-se ao espetáculo da decadência: A fotografia é tida como um instrumento de narrativização das ruínas, assim como a possibilidade de ter as ruínas como câmaras escuras da memória.

Utiliza-se a fotografia enquanto testemunha visual, e esta se faz de extrema importância, visto que parte das casas a serem fotografadas certamente estarão em um estágio mais avançado de esfacelamento, ou, inclusive, já terão sofrido derrubamento, na ocasião do final da pesquisa. Assim, estes signos não-verbais nos auxiliarão no processo de captura de realidades dinâmicas, tornando possível não somente uma documentação das construções em ruínas do período, mas também uma incursão mais demorada naquilo que o olhar passageiro por vezes não capta na cidade, seja pela banalização ou pelo movimento acelerado da vida moderna.

A fotografia é, pois, instrumento revelador destes olhares latentes nestas materialidades decompostas. Enquanto possibilidade de documentação, pretende-se mapear fotograficamente as casas em ruínas do centro de Rio Grande, demonstrando, assim, a grande incidência destas na cidade, bem como a situação de banalização em que se encontram.

Como vivemos em um mundo de intensa velocidade e de mudanças bruscas, as interações entre corpo e espaço são cada vez mais fugazes. Num mundo mecanizado e midiático, de imagens fortes e rápidas, temos uma espécie de subjetividade padronizada. Buscando uma cartografia da subjetividade, os territórios existenciais conferem a passagem do consenso estanque para o dissenso criador – uma re-singularização que traga à tona a cidade subjetiva – ou ‘invisível’ – devidamente ‘restaurada’.

Por isso o objetivo é demonstrar o quanto as ruínas estão relegadas ao *esquecimento* na cidade do Rio Grande, dentro do chamado reprocessamento dos lugares em não-lugares, que proporciona perdas tanto de bens materiais quanto de bens imateriais.